

conto

Cavalo de vento

Não sei, ao certo, em que época aconteceu o fato. Talvez tenha sido entre os três e sete anos de idade, pois me lembro embaçado daqueles dias.

Meu pai sempre fora dado a divagações. Tinha no olhar - e mantém até hoje - alguma coisa que não saberia explicar: quem sabe uma semelhança com as personagens de Guimarães Rosa. Meu pai tinha a sua própria margem do rio. Nos tratava com uma rudeza quase desnecessária, entendíamos pouco os momentos de silêncio e aspereza, a mim, causava um misto de respeito e medo que por muitos anos, mantive em quase todos os meus fazeres.

E diferente do que se pensa, a poesia das diminutas coisas estão pelos caminhos, mas é preciso tempo para vê-las como poesia. E foi com tempo que me lembrei dos dias de colher folhas de palmeiras.

As palmeiras ficavam nos fins de nossas terras. Não me lembro para que eram colhidas. Me lembro da altura: eram altas as palmeiras - ou talvez, eu era pequeno diante daqueles moinhos de ventos perdidos no meio do campo - meu pai usava uma taquara com uma foice amarrada na ponta para colher as folhas, assim, elas não eram retiradas, elas caíam como que se fossem imensos pássaros, às vezes, ficavam como que suspensas no ar e, por instantes, eu imaginava que elas jamais chegariam ao chão.

E eis que acontecia o momento mais esperado, pois enquanto olhava o cair das folhas e ansiava que caíssem logo, para que então, meu pai, livre de todos os outros compromissos se entregasse a mim: antes de voltarmos para casa, ele talhava, nas hastes das folhas caídas no chão, duas orelhas, uma boca e a crina de um cavalo e, desse jeito, montado em meu cavalo - que não era imaginário - era puxado por meu pai, ia para infinito galope no meio do pasto.

A desmedida alegria que sentia naquele instante me fazia acreditar em uma infância para sempre: atravessando os buracos do pasto, imaginava-me dono de uma coragem que não desfaleceria com o fim da brincadeira.

Não me lembro de todas as coisas de minha meninice e outras não deveriam ter sido guardadas, mas o cavalo puxado pelo meu pai, faz-me até hoje, sentir, no vento, uma estranha sensação de desmoronamento, como se o mundo fosse parar de repente para eu montar em meu cavalo de folha de coqueiro.

Por isso, mesmo tantos anos depois, tenho a impressão - em certos dias em que o sol tem um amarelo já conhecido de outros tempos - que carrego em minhas retinas as lembranças mais simples e felizes (como se guardam certos segredos que nos fazem sorrir sozinhos pelos cantos da casa). Todas elas emolduradas em forma de saudade.

Eu era menino ainda e havia descoberto o mundo.

Luciana Vedovato

Professora do Colegiado de Letras,
Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon.